



A OBRA MINERAL DE PEDRO MOTTA



Este dossiê elege a obra de Pedro Motta como intercessora de questões fundamentais apontadas no presente número da Revista da UFMG ao mesmo tempo em que reconhece, em seu trabalho, a possibilidade e a grandeza de ampliar verticalmente tais problematizações. Nos exemplos a seguir nos é permitido aproximar um pouco da trajetória deste artista que traz resistência aliada ao pensamento, política aliada à poética, mas sobretudo cria ruídos capazes de suspender (e estressar densamente) a relação entre a natureza e a cultura.

Na série fotográfica aqui apresentada, intitulada “Naufrágio calado” (2016-2018), vemos o fim das águas, a bulimia das escavações mineradoras, o desaparecimento das montanhas e dos morros, as erosões incontáveis, como dolorosamente também percebemos a devastação pouco inteligente que nós, homens calados, permitimos que se opere nos espaços antes naturais, em nome do progresso, do desenvolvimento, da tecnologia ou qualquer outro significante que se dê ao dispositivo chamado mercado, capital.

Composta por oito imagens, este trabalho se amparou em um lugar específico e referencial: uma mineração de cassiterita dos anos 1950, em Minas Gerais. Já os navios que foram enxertados nas grandes valas, nos fundos buracos, são provenientes de um cemitério de barcos da Bretanha, na França.

Ruína e resto, Minas e Europa são então imbricados dentro de uma paisagem seca, estéril, inútil, com um quê cosmológico e surreal, ou, como ainda no início da Modernidade cantou Luís Vaz de Camões:

Junto de um seco, fero e estéril monte,
inútil e despido, calvo, informe,
da natureza em tudo aborrecido,
onde nem ave voa, ou fera dorme,
nem rio claro corre, ou ferve fonte,
nem verde ramo faz doce ruído;

(Canto IX)







Sabemos que Camões descrevia o cabo de Guardafui, junto às águas do Golfo Pérsico, o ponto mais oriental da África, provavelmente em 1555. Emigrado e muito triste, via a diminuta estatura do homem: “bicho da terra vil e tão pequeno”. Mas, como humanista que era, possibilita que sua poesia seja capaz de alargar o nosso contemporâneo e nos fazer enxergar, séculos depois, as imagens de Pedro Motta de outra forma, e nos impulsionar a lembrar de outros tantos montes e de outros encontros, como aquele em que aconteceu em 1500 e que resultou em novas formas de vida. Tal relevo geográfico até hoje conhecemos como Monte Pascoal, lá na Bahia, no Brasil.

O verbo olhar ou documentar não cabem, assim, nessa tarefa que desconfia do entorno como uma espécie de testemunha sobrevivente de uma catástrofe ambiental que se desenrola paulatinamente. No trabalho de Motta, o artista entra como sujeito que interfere nos lugares desagastados, altera-os e provoca curtos-circuitos. Não há panfletagem, não há denúncia. Percebe-se ironia e melancolia. Os gatilhos desses gestos parecem inicialmente ser a terra e os seus minerais. No entanto, todas as paisagens apresentadas são por ele remodeladas. Ao duvidar do caráter documental que a fotografia lá no século XIX prometeu ao homem, a “natureza das coisas” é exibida por meio de um método calculado que, segundo Rodrigo Moura, envolve coleta de dados, mapeamento, processamento digital, além de fotografia direta, desenho, colagem e mock ups. Todos esses procedimentos técnicos são então combinados, recombinaos, reconfigurados com o intuito de “ficcionalizar a realidade ou aproximar o documento fotográfico da ficção”. (Moura, p.21, 2018)

Há mais de vinte anos Pedro Motta coleta vestígios, mapeia ações e interferências do homem na natureza e reconhece o que resta do passado no presente como rastro, pegada, traço. Se nas imagens aqui reunidas percebemos negligência, desprezo, distração, parasitismo, avareza, indiferença diante da natureza, há também a aposta de que existe na cultura algo diverso a tudo isso. A arte é convocada neste Dossiê com toda a força do seu chamado, não somente para nos lembrar que só viver a vida não vale, mas que a atmosfera desse mundo clama por reconstruções.











Sobre o artista

Pedro Motta (Belo Horizonte, 1977) graduou-se em desenho pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 2002. Iniciou sua atividade artística pesquisando as estreitas relações entre cidade, indivíduo e natureza. Entre suas principais exposições individuais destacam-se: Uma nota só, Casa Albuquerque, Brasília (2021); Jardim Impostor, Galeria Silvia Cintra + BOX 4, Rio de Janeiro (2019), Estado da Natureza, Centro Cultural Fiesp, São Paulo (2019), Jardim do ócio, Galeria Luisa Strina (São Paulo, 2018), Naufrágio calado, Bendana-Pinel Art Contemporain (Paris, 2018), Estado da natureza, CâmeraSete (Belo Horizonte, 2016), Natureza das coisas, gffl BES Photo, Museu Coleção Berardo (Lisboa, 2013), Reac ción natural, Centro de Exposiciones Subte (Montevideu, 2011), e no 27º Salão Nacional de Arte de Belo Horizonte/Bolsa Pampulha (Belo Horizonte, 2004). Também esteve em coletivas como: Histórias Brasileiras, Museu de Arte Assis Chateaubriand, MASP, São Paulo, (2022); Past/Future/Present, Phoenix Art Museum (2017), Feito poeira ao vento – fotografia na Coleção MAR, Museu de Arte do Rio (2017), Les imaginaires d'un monde intranquille, Centre d'Art Contemporain de Meymac (2017); Soulèvements, com curadoria de Georges Didi-Huberman, Jeu de Paume (Paris, 2016), TRIO Bienal, Centro Cultural Banco do Brasil do Rio de Janeiro (CCBB RJ, 2015), 18º Festival Internacional de Arte Contemporânea Sesc_Videobrasil – Panoramas do Sul (São Paulo, 2013); 1º Bienal de Fotografia do Museu de Arte Assis Chateaubriand (Masp, São Paulo, 2013); Panorama da Arte Brasileira, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP, 2011); Peso y Levedad, Photoespaña, Instituto Cervantes (Madri, 2011); 2ª Bucharest Biennale (2006); e Fotografia Contemporânea Brasileira, Neue Berliner (2006). Pedro foi contemplado com o 6º Prêmio Marcantonio Vilaça (2017), a Bolsa ICCo/SP-Arte (2015), a residência Flora ars+natura (2013), o gffl BES Photo Museu Coleção Berardo (2011), o Prêmio Ibram de Arte Contemporânea (2011) e a Residency Unlimited/Nova York (2011).

Seus trabalhos integram acervos de instituições como MAM-SP, MAM-RJ, MAM-BA, Masp, Sesc-SP, Museu de arte do Rio (MAR-RJ), Coleção Museu Berardo (Lisboa), Centro de Fotografia de La Intendencia de Montevideo e Itaú Cultural. Em 2008, lançou o livro Paisagem Submersa pela Cosac Naify, junto com Pedro David e João Castilho. Em 2010, lançou o livro Temprano (Funarte), uma retrospectiva de mais de dez anos de percurso. Em 2013, lançou o livro I.R.A, Rede Nacional Funarte gffl edição (Concepção e coordenação). Em 2018, lançou o livro Natureza das coisas, Editora UBU, organizado por Rodrigo Moura, com textos críticos de Ricardo Sardenberg, Eduardo de Jesus, Agnaldo Farias, Ana Luisa Lima, Luisa Duarte, Nuno Ramos, Kátia Lombardi, Cauê Alves e José Roca. As paisagens e espaços naturais e rurais da região do Campo das Vertentes (MG) são o foco das pesquisas mais recentes do artista, que vive em São João del-Rey.

Pedro Motta, imagens selecionadas a partir da série Naufrágio calado [Silent Shipwreck], 2016–2022. 12 fotografias [12 photos], impressão de tinta mineral em papel de algodão [mineral print on cotton paper]

